



BIRUTA

Sônia Barros

Resenha

A galinha Biruta, apesar do nome, não tinha nada de maluca. Tinha ganhado esse apelido porque vira e mexe tropeçava – já não podia enxergar e, por isso, esbarrava nas coisas e caía. Não era cega de nascença – já era crescida quando a escuridão foi chegando pouco a pouco, fazendo o milho perder a cor, até que tudo ao seu redor se tornasse definitivamente noite. Apesar do seu caráter afável, que não pretendia de modo algum causar confusão, certa madrugada acabou atordoando o galinheiro inteiro, ao despencar do poleiro. O dono do sítio, despertando repentinamente no meio da noite, decidiu que a galinha deveria ir para a panela ainda no dia seguinte, servindo de prato principal para o almoço que pretendia oferecer a seu neto, que logo mais chegaria da cidade. E, de fato, aquele teria sido mesmo o destino de Biruta, não fosse a compaixão do menino, que logo reparou naquela galinha que ficava quieta, no canto, distante das outras. Quando o avô contou que ela não enxergava, e que seria sacrificada para o almoço, o garoto pediu ao avô para deixá-la viva – queria levá-la para a cidade consigo. O avô acabou concordando, para fazer a alegria do neto, e preparou uma macarronada. No colo do menino, em sua nova vida de bicho de estimação, Biruta conheceu afeto pela primeira vez – logo ela, acostumada que estava às bicadas das companheiras do galinheiro.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Biruta é uma história delicada e pungente a respeito da perda da visão e da relação entre homens e bichos, que traz belas e sensíveis ilustrações de Odilon Moraes. Acompanhamos Biruta desde o momento em que vai deixando de ver, com o escuro se fazendo cada vez mais presente, até o encontro com o menino que se tornaria seu companheiro. Sônia Barros escreve uma prosa de tonalidades líricas, com um discreto jogo de rimas que nos convida a ler nas entrelinhas. As ilustrações, feitas em aquarela, conseguem o prodígio de evocar a cegueira em imagens, usando uma paleta de cores predominantemente frias e opacas, jamais vibrantes, que nos aproximam do desamparo da galinha protagonista – imagens reflexivas que de alguma maneira estendem a temporalidade da história, evocando gestos que não vemos.

Depoimento

De Pedro Felício,
ator e pai

“Que historinha essa da Biruta, hein?” – concluiu meu filho de seis anos ao terminarmos a leitura. E não é?

Trata-se de uma história muito simples e muito diferente do que se lê por aí, uma história sem heróis grandiloquentes, sem aventuras interplanetárias, sem princesas, sem reis (que podem ser incríveis, claro, mas que não são condição suficiente para construir uma história boa para as crianças).

A beleza da narrativa de Sônia Barros condensase nas aquarelas de Odilon Moraes e na ausência de recursos pirotécnicos. Essa simplicidade é cativante demais.

As inúmeras rimas internas da narrativa em prosa poética dão ritmo e melodia propícios à leitura, introduzindo uma espécie de cântico à experiência de ler em voz alta para as crianças. Minha filha pequena, de apenas 3 anos, comoveu-se com essa melodia. Ouso dizer que essa talvez tenha sido a primeira vez em que ela pôde entender na prática o que é uma rima. Em vários momentos da leitura, ela pontuou como as palavras eram parecidas, repetindo as rimas do livro. “Nascença é igual doença, pai!”, espantou-se com um brilho nos olhos muito típico dos momentos em que esses miúdos descobrem o fascínio da novidade.

Pensei em escrever aqui sobre a história, as personagens: Biruta, o dono do sítio, o Menino; mas percebo agora que a mesma simplicidade (talvez até crueza), que empresta à narrativa um ar de concreitude e realidade, também possibilita que a leveza e a porosidade se instalem, deixando a compreensão das questões que a história traz (a cegueira da galinha, a sensação de desencaixe e deslocamento dela em meio aos outros animais, sua solidão, a ameaça de morte na panela, a generosidade do Menino, a sensibilidade do Avô, o acolhimento dos pais, a amizade quase mágica entre Menino e Biruta) ser absorvida, elaborada pela criança não por vias intelectuais, mas por uma percepção visual e auditiva muito mais livre, muito mais poética, subcutânea, misteriosa. O inconfundível pincel de Odilon contribui em muito para isso, envolvendo todo o livro com uma aura de sensibilidade e serenidade.

Apontar essa especificidade de “Biruta” tem muito a ver (para nós aqui em casa, que lemos muito juntos) com as possibilidades de um livro infantil; tem a ver com as múltiplas abordagens e as múltiplas formas de olhar para a criança; tem a ver com a busca – na função de pais, de formadores de cidadãos – de referências que possam contribuir para um mundo repleto de diversidade de formas e de pensamentos, para um mundo em que se possam abraçar as diferenças com carinho e respeito. E, veja só, também é sobre isso a simples história de uma galinha *que não era do vizinho nem botava ovo amarelinho*.



Um pouco sobre a autora

Sônia Barros nasceu em 1968, na cidade de Monte Mor, em São Paulo. Desde a infância reside em Santa Bárbara d'Oeste, também no interior do estado. É casada e tem um filho. cursou a faculdade de Letras na Universidade Metodista de Piracicaba e deu aulas de Língua Portuguesa durante dez anos. Tem vários títulos publicados para crianças e jovens.



Leia Mais

Da mesma autora

- ✦ *Coisa boa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Diário ao contrário*. São Paulo: Atual.

- ✦ *Letras cadentes*. São Paulo: Atual.
- ✦ *O que é que eu faço, Afonso?* São Paulo: Atual.
- ✦ *Tatu Balão*. Belo Horizonte: Aletria.

Do mesmo gênero

- ✦ *A mulher que matou os peixes*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- ✦ *Quase de verdade*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- ✦ *Hoje não quero banana*, de Dorothee de Monfreid e Sergio Donno. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ✦ *Os ovos de Dora*, de Julie Sykes. São Paulo: Ciranda Cultural.
- ✦ *Ganso maluco*, de Jan Orderod. São Paulo: Martins Fontes.

